

“A CASA E A ESTRELA”: CECÍLIA MEIRELES E A CRÔNICA DE UM ENCONTRO**“THE HOUSE AND THE STAR”: CECÍLIA MEIRELES AND THE CHRONICLE OF A MEETING**Karla Renata Mendes¹ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0977-8607>

Resumo: Embora o nome de Cecília Meireles seja evocado primeiramente por sua obra poética, a autora possui também uma vasta produção em prosa, composta por crônicas, ensaios, artigos, conferências, entrevistas, ainda não totalmente conhecida pelo público e pela crítica. O presente artigo se propõe a investigar uma das vertentes da crônica cecilianiana – os relatos de viagem. Trata-se de textos que revelam uma Cecília Meireles viajante pelos mais diferentes lugares do mundo, em contato com diferentes espaços, culturas, povos e experiências. Mas as crônicas de viagem da autora conseguem ir além da simples descrição de lugares e revelam ao leitor um olhar que reinventa a própria experiência humana e sensível a partir do contato com a paisagem. Trata-se de um olhar que vasculha o espaço e o reconfigura através de um prisma lírico, subjetivo e reflexivo, apresentando-se ainda como uma maneira de meditar sobre a própria condição humana a partir do que se vê. Exemplo disso é o texto “A casa e a estrela”, publicado no *Diário de São Paulo* em 1953, em que a visita à casa em que nasceu o poeta Tomás Antônio Gonzaga, em Portugal, desencadeia uma série de reflexões sobre a vida do escritor e, de forma mais abrangente, sobre o próprio destino e a existência humana.

Palavras-chave: Cecília Meireles. Crônica de viagem. Tomás Antônio Gonzaga

Abstract: Although the name of Cecília Meireles is first evoked by her poetic work, the author also has a vast prose production, composed of chronicles, essays, articles, conferences, interviews, not yet fully known to the public and critics. This present article intends to investigate one of the versants of cecilian's chronicles - the travels reports. They are the texts which reveal a peregrine Cecilia Meireles in different places from the world, in contact with different spaces, cultures, folks and experiences. But the author's travel chronicles manage to go beyond the simple description of places and reveal to the reader a look that reinvents one's own human and sensitive experience from contact with the landscape. It is a look that searches space and reconfigures it through a lyrical, subjective and reflective prism, also presenting itself as a way of meditating on the human condition itself from what is seen. An example of this is the text “The house and the star”, published in the *Diário de São*

* Artigo desenvolvido a partir dos resultados obtidos na dissertação de mestrado intitulada “Cecília Meireles viajante: visões do presente e do passado nas crônicas sobre Portugal”, defendida na Universidade Federal do Paraná, em 2010.

¹ Karla Renata Mendes é docente da área de Literatura, no curso de Letras, da Universidade Federal de Alagoas, *campus* Arapiraca. É doutora em Letras com a tese intitulada *Navegando em mares lusitanos: diálogos transatlânticos entre Cecília Meireles e Portugal*, defendida na Universidade Federal do Paraná, com período de bolsa sanduíche na Universidade de Lisboa. Possui mestrado em Letras pela Universidade Federal do Paraná e graduação em Letras, Português e suas Literaturas, pela Universidade Estadual do Centro-Oeste.

Paulo in 1953, in which the visit to the house where the poet Tomás Antônio Gonzaga was born in Portugal triggers a series of reflections on the life of the writer and, more broadly, about his own destiny and human existence.

Key-words: Cecília Meireles. Travel chronicle. Tomás Antônio Gonzaga

Apreender o real sem deixar de notar a poesia do mundo. Essa talvez seja umas das práticas que Cecília Meireles exercita ao longo de sua obra em prosa. Observa-se que seus textos revelam uma autora preocupada com os problemas de sua época, sensível a muitos dos dilemas de seu tempo, mas que consegue também preservar sua essência poética, compondo muitos textos em que predominam um caráter mais lírico e subjetivo. É assim que a poeta e a prosadora fundem-se, mesclam-se, complementam-se. Como afirma Leodegário Azevedo Filho, “não se pense que haja descompasso entre a obra poética e a obra em prosa [ceciliana], pois o que há é perfeita e coerente integração entre ambas.” (AZEVEDO FILHO, 2007, p. 277). É da observação dessa integração entre prosa e poesia que se consegue apreender uma dimensão mais exata do projeto literário da autora. Afinal, Cecília Meireles é um dos nomes mais importantes da poesia brasileira, mas desconsiderar o restante de sua obra é avaliá-la a partir de um único prisma. Observação difícil de ser sustentada quando se percebe que Cecília sempre foi uma escritora múltipla, atuante nas mais diversas áreas.

Tome-se como exemplo o foco do presente artigo: seus textos cronísticos, fruto de uma carreira de mais de trinta anos em variados jornais. Estima-se que Cecília Meireles tenha escrito aproximadamente duas mil e quinhentas crônicas, sendo que essas apenas há pouco mais de dez anos começaram a ser publicadas em larga escala. A autora estreou na redação de um jornal em 1930, no *Diário de Notícias*, onde era responsável por uma seção diária, a “Página da Educação”. A partir da década de 40, Cecília passou a escrever uma coluna semanal sobre variados assuntos, entre eles o folclore, para o jornal *A Manhã*. Até que voltou, em 1950, para o *Diário de Notícias*, responsável pelo “Suplemento Literário”. Finalmente, em 1960, a autora encerraria a carreira na imprensa na *Folha de São Paulo*, e passaria a escrever, de 1961 a 1963, crônicas destinadas aos programas radiofônicos da Rádio Ministério da Educação e Rádio Roquette Pinto.

Ao longo de seu trabalho como cronista, pode-se dizer que Cecília Meireles atuou em três frentes principais, produzindo crônicas voltadas para a educação, crônicas de caráter mais geral (comentários sobre assuntos variados) e crônicas de viagem. Essa última categoria

abarca cerca de 176 relatos de viagens realizadas fora e dentro do país, no período da vida da autora que vai de 1941 a 1964. A maior parte desses textos foi publicada no jornal *A Manhã* (década de 40) e no *Diário de Notícias* (final dos anos 40 e década de 50). As crônicas de viagem, disponíveis em 3 volumes, retratam peregrinações cecilianas por aproximadamente 18 países e mais de 60 cidades.

Percebe-se que é a partir de 1940 que, para Cecília Meireles, as viagens sucedem-se com mais frequência. Isso ocorre em parte porque aumentam os compromissos profissionais e a necessidade de deslocar-se. Cecília proferiu aulas, palestras e cursos em várias Universidades do exterior, como na Universidade do Texas em 1940, onde ministrou aulas de Cultura e Literatura Brasileira. Outras viagens realizaram-se por um desejo pessoal da autora, e ainda há aquelas em que Cecília acompanhava o marido, Heitor Grillo, em compromissos profissionais. Destacam-se também as que foram realizadas a pedido dos próprios jornais nos quais a escritora trabalhava. Exemplo disso é a sequência de vinte e cinco crônicas intituladas “Rumo Sul”, que descrevem a viagem de Cecília pela recém-inaugurada linha de trem que ligava São Paulo a Montevideú e que esteve ativa de 1940 a 1964. O periódico *Folha Carioca* incumbira Cecília Meireles de descrever as impressões do trajeto aos leitores curiosos com a nova rota de viagem.

Em todos esses relatos é possível perceber a preocupação da autora em informar a seus leitores sobre os principais aspectos de cada lugar, descrever situações, o folclore, os costumes, as características políticas, sociais e geográficas das regiões que visitava. Observam-se, também, crônicas que relatam os prazeres e contratemplos do próprio ato de deslocar-se: a fiscalização em aeroportos, a sensação de voar, a burocracia alfandegária, o desconforto em viagens longas, a alegria de chegar ao destino. Tudo é comentado e registrado por Cecília, todas as etapas de uma viagem são, em algum momento, destacadas.

Construindo relatos mais objetivos ou detendo-se em momentos de admiração e poeticidade, percebe-se que as crônicas cecilianas não se encerram em relatos puramente turísticos, mas são também registro de reflexões sobre o homem, a sociedade, a vida, a morte, o tempo. As viagens, muitas vezes, são as desencadeadoras de um processo de meditação sobre aspectos da vida humana em todas as suas dimensões. É o que afirma Margarida Maia Gouveia: “as notas de viagem de Cecília não são, pois, meros apontamentos ou fruto de curiosidade intelectual, mas pretexto para meditar sobre as essências de povos e culturas, sobre o tempo como agente transformador ou sobre o tempo como medida do eu (...)” (GOUVEIA, 2007, p. 114).

O presente artigo contempla uma dessas crônicas agrupadas sob o signo da viagem. Tais textos não perdem suas características primordiais de crônica, pois são curtos (apesar de estenderem-se mais do que o habitual para os padrões atuais), destinavam-se à publicação em jornais e são localizados temporalmente. Mas, observa-se também que tais relatos reinventam a matéria da crônica, pois tratam-se de textos especialmente articulados para levar até o leitor as impressões das viagens de Cecília Meireles. Compartilhando seus itinerários, a cronista não se limitava, à maneira de um guia turístico, a fazer descrições dos lugares ou das visitas que realizava, mas, como afirma Marcos Antonio Moraes, criava crônicas

que fornecem com grande força expressiva, o resultado da contemplação dos caminhos que ela [Cecília] percorreu, observando lugares e pessoas. Diante de uma paisagem, de um objeto de museu, de um local onde morou há muito tempo certa personalidade, não lhe basta a descrição de aspectos exteriores, a aparência. Para isso bastaria o guia turístico, sempre tão bem informado e pragmático em sua meia hora de explicação. A cronista tem necessidade de ‘sentir’. (...) Diante de um objeto, procura estabelecer uma “comunicação sentimental”, apurando a audição e o olhar. (MORAES, 2006, p.16-17)

Assim, os relatos cecilianos configuram-se como uma segunda via dentro da crônica. Primeiro porque se apropriam das características do gênero e estendem seus domínios até a literatura de viagens; segundo porque não se tratam apenas de uma descrição de lugares, mas desnudam um olhar incansável na busca de uma observação diferenciada, na tentativa de levar até o leitor essa “comunicação sentimental” com o espaço circundante.

Muito mais do que retratarem as impressões da escritora ao longo de suas incursões por regiões da Europa, Estados Unidos, México, Israel, Índia, seus textos revelam uma autora que conseguia ir além da mera narração do que se observava. As reflexões cecilianas mostram toda a riqueza do contato com o novo vivido a cada viagem. Como afirma Alfredo Bosi, “vale a pena viajar com Cecília. Ela viu, como poucos em nosso corpus poético, cidades e paisagens, cenas de rua ou simples instantâneos, com um frescor de impressões e um raro discernimento antropológico na percepção de outras culturas.” (BOSI, 2007, p. 20).

É possível perceber que a experiência de viagem relatada por Cecília é pautada pela individualidade, por uma visão particular de cada lugar que visitava. Sua percepção, sempre amalgamada por um tom mais poético e lírico, fez com que suas crônicas se transformassem em verdadeiros poemas em prosa. Textos em que um “eu-lírico” em deambulações por determinados lugares se propõe a registrar as impressões subjetivas, as sensações e emoções

despertadas em cada lugar, o que lhe agrada ou desagrada, o que lhe emociona ou choca, num exercício de revelar a si mesma enquanto revela ao leitor o novo ou desconhecido.

Ao mesmo tempo em que apreendem pessoas, paisagens, monumentos, fatos, as viagens cecilianas são uma motivação para o surgimento de reflexões mais profundas, sobre a própria existência, a passagem do tempo, a efemeridade de tudo. Aquele que viaja abre-se para o contato com diferentes culturas, mas principalmente abre-se para novas experiências humanas. Essa dimensão da viagem é amplamente explorada nas crônicas cecilianas. Muito mais do que deter-se em pontos turísticos ou paisagens atrativas, a escritora buscava também o contato com sujeitos, buscava observar ecos da dimensão humana (do presente e do passado) em monumentos, parques, museus, hotéis, restaurantes, aeroportos. É isso que afirma quando confessa em uma de suas crônicas: “Deseja-se *paisagem humana*.” (MEIRELES, 1999, p. 197, *grifos meus*). Tal era a busca empreendida por Cecília Meireles ao longo de suas inúmeras viagens, e tal era também a essência transmitida ao longo de suas crônicas, talvez advindo daí muito do caráter poético de seus textos.

Cecília Meireles e a estrela

Pode-se dizer que os relatos de viagem cecilianos configuram a incansável procura da escritora por “almas” (como ela mesma afirma em algumas crônicas), ou seja, transmitem ao leitor as relações muito particulares que Cecília estabelecia com cada lugar que visitava. É imbuída desse espírito que, em 1951, Cecília Meireles encontrava-se em Portugal pela segunda vez. O roteiro da viagem estava bem delimitado: Holanda (lugar em que seriam editados alguns de seus poemas), Bélgica, Paris (onde estudava a filha Maria Fernanda), Lisboa e Açores. Após a visita ao arquipélago, a poeta voltaria a Lisboa passando vários momentos na companhia do casal de amigos portugueses Diogo de Macedo e Eva Arruda.

Seria justamente o casal “Dioguevas” (como a escritora a eles se referia) o responsável por conduzir Cecília Meireles até a região do Porto, “para fotografar a casa onde nascera um poeta do qual andava muito próxima naqueles tempos de escritura do *Romanceiro da Inconfidência: Tomás Antônio Gonzaga*” (GOUVÊA, 2001, p. 110). O passeio inspiraria a escrita da crônica “A casa e a estrela”, publicada no *Diário de São Paulo* em 1953, e ainda o poema “Casa de Gonzaga”, incluído no volume póstumo *Poemas de viagens* (1974). Percebe-se que a visita e a evocação da figura de Gonzaga irão desencadear

reflexões de ordem mais profunda. Paralelamente à construção da imagem do poeta, se medita sobre a própria condição humana e os imprevisíveis meandros da existência.

A crônica é construída com uma narração que se situa no momento presente. Transmite-se a impressão de que a viagem e seu relato acontecem simultaneamente: “Para onde vou, que o dia se me afigura tão leve, e a paisagem mais bela que nunca? Ao encontro de que vou, para que meu coração se adapte a um novo ritmo, e o mundo, dentro de mim, seja, mais do que nunca, um forte contraste de amargura e alegria?” (MEIRELES, 1999, p. 179). O texto inicia-se com uma indagação, como se a própria cronista não soubesse exatamente que caminho segue e quais são as motivações de seu deslocamento. Apenas infere-se que o passeio mexe com seu espírito e lhe produz forte emoção, inclusive despertando sentimentos contraditórios como “amargura e alegria”.

A dúvida é logo sanada, e revela-se a localização precisa: trata-se do Porto. Todavia, o destino atual passa a ser comparado com a cidade de Lisboa, e as impressões desta observadora vão se revelando desfavoráveis a encontrar-se ali: “A cidade do Porto não tem, aos meus olhos, essas doçuras límpidas de Lisboa. Não é tanto uma aquarela de suaves manchas nacaradas – mas uma gravura enérgica, no ímpeto de suas ladeiras, na dureza das suas pedras.” (MEIRELES, 1999, p. 179). Mesmo o Douro não a atrai como o Tejo; enquanto este é um “rio de ninfas douradas”, aquele é um “caminho de água, poderoso e ativo, todo rastreado pela mastreação dos barcos e pelas sombras do trabalho humano.” (MEIRELES, 1999, p. 179). O próprio leitor começa a perguntar-se o porquê dessa visita se esse lugar não atrai a visitante, e a única explicação é a de que não é por puro prazer ou escolha que se abandona Lisboa e se vai até o Porto, mas sim porque há uma forte motivação, quase uma necessidade.

Alimentando este jogo com o leitor, sem revelar ainda a verdadeira motivação para esta viagem, a autora se questiona: “Que venho fazer nesta cidade, de paisagem um pouco turbulenta, e por que procuro não aquelas vistas que, de outras vezes, têm sido o meu consolo?” (MEIRELES, 1999, p. 179). A cidade do Porto não lhe agrada, instaura-se quase que uma antipatia em relação ao lugar quando comparado a Lisboa. Tal sentimento apenas se adensa ao se pensar que, para estar ali, foi preciso renunciar “aos painéis e às torres,” e à “contemplação da arte”. Após salientar o esforço despendido nesta empreitada, a autora decide explicar as razões que a trouxeram até ali:

Ah! porque eu venho visitar uma sombra. Um fantasma, que, se fosse vivo, teria mais de duzentos anos. Sua tênue lembrança é tão forte que se impõe à beleza do caminho – superior aos encantos sempre novos que o margeiam; mais importante que os vivos que circulam, com seus trabalhos e problemas; mais exigente que os amigos atuais, seguros da nossa amizade e da nossa admiração. (MEIRELES, 1999, p. 179).

No texto “Como escrevi o Romanceiro da Inconfidência”, Cecília retoma a frase de Auguste Comte em que se constata “a verdade de que ‘somos sempre e cada vez mais governados pelos mortos’”(MEIRELES, 2008, p. 22). A partir disso, pode-se entender o deslocamento até o Porto mesmo diante da contrariedade por ter que estar naquele espaço. Governada por um “fantasma” de “mais de duzentos anos”, a cronista está no encaixe dessa “sombra”, percebendo que, contraditoriamente, ela impõe sua vitalidade, soerguendo-se diante dos demais elementos. O fato de sua imagem resistir após duzentos anos comprova tratar-se de um espírito superior, alguém que se eternizou na memória e na história, superando as limitações da morte e a efemeridade da existência. Assim, constata-se aqui, como afirma Margarida Maia Gouveia, que Cecília Meireles destaca a morte não como o

fim de tudo mas como sublimação; a superação do cotidiano, a fuga para o interior de si própria; a afirmação de que o escritor, o artista, o asceta e talvez todos os espíritos superiores fazem da sua poética, da sua arte e do seu pensamento a ponte que passa para além da pequena fração da morte que nos é infligida cada dia. (GOUVEIA, 2007, p. 127).

Em seguida, são fornecidos os primeiros indícios que ajudam a revelar a identidade desta “sombra”: “Venho visitar ‘um triste pastor.’ Um triste pastor arcádico. De outros campos. De outras ovelhas. Com os olhos perdidos por lugares muito estranhos, e a vida despedaçada, por forças sobrenaturais” (MEIRELES, 1999, p. 180). Apropriando-se de versos do próprio Gonzaga (“Marília escuta/ Um triste Pastor”), vai-se delineando a imagem desta figura perseguida no Porto. Um personagem que teve a vida marcada por acontecimentos tão avassaladores que se lhes atribuem, inclusive, uma interferência sobrenatural. Percebe-se que a visita à casa do poeta é o marco inicial de uma reflexão que perpassa toda a crônica: meditar sobre os mistérios do destino e a inconstância da vida. Como afirma a própria Cecília em seu *Romanceiro da Inconfidência*, “Vira a Sorte o leme rápido, / de repente: / sem mais rota que se explique” (MEIRELES, 2001, p. 922-23).

Tais versos aplicam-se à trajetória de Tomás Antônio Gonzaga, que sofrera inúmeros reveses e misteriosos desvios. Dessa forma, ao visitar aquela casa, destacada como a origem

de tudo, a autora não se furta a reconstruir os passos do poeta na cidade, imaginando sua infância, possíveis aspirações futuras, suas conquistas e a consequente frustração de seus planos. Nesse sentido, a autora dialoga com o que afirma Bachelard, em *A poética do espaço*, ao afirmar que

para um estudo fenomenológico dos valores de intimidade do espaço interior, a casa é, evidentemente, um ser privilegiado; isso, é claro, desde que a consideremos ao mesmo tempo em sua unidade e em sua complexidade, tentando integrar todos os seus valores particulares num valor fundamental. A casa nos fornecerá simultaneamente imagens dispersas e um corpo de imagens. Em ambos os casos, provaremos que a imaginação aumenta os valores da realidade. Uma espécie de atração de imagens concentra as imagens em torno da casa. (BACHELARD, 1989, p. 24).

Enxergando aquela casa justamente como uma fonte de “imagens dispersas e um corpo de imagens”, a cronista reconstrói a história de Gonzaga tentando preencher os vazios que aquela visita fomenta. Assim, estabelece-se um diálogo entre passagens da vida de Gonzaga, suscitadas pela observação daquela casa e daquelas paisagens, e fragmentos de suas Liras, mantendo uma relação indissociável entre sua arte e seu destino. Exemplifica-se isso logo em seguida quando surge a questão: “*São estes os sítios?*”. Referência à Lira V, de *Marília de Dirceu*, a indagação reflete a procura do viajante pelos sítios em que viveu o poeta. Destaca-se, ainda, que a resposta a tal questionamento seria dada por Dirceu da seguinte forma: “São estes; mas eu/ O mesmo não sou” (GONZAGA, 2007, p. 17), evidenciando-se a volubilidade que impera sobre a vida humana ainda que o exterior permaneça inalterável.

No encaço do “triste pastor” e de seus “sítios”, a cronista afirma ter rodeado a cidade, contemplando-a apenas de longe. Também por sua causa, andou-se “por estes bairros que não parecem de hoje, mas livres do tempo”, que resguardam “na sua antiguidade” cenários almejados e “figuras que estão para sempre vivas e presentes” (MEIRELES, 1999, p. 180). Os bairros percorridos no Porto também parecem estar suspensos no tempo, preservando sua história, sua essência e abrigando figuras que parecem resistir à ação temporal, como a do próprio poeta. Explorando aqueles bairros, o viajante vai “passo a passo, vencendo quadros de vigoroso realismo, com tipos humanos profundamente expressivos (...)” (MEIRELES, 1999, p. 180). De todo o local emana um “cheiro violento das atividades ribeirinhas” e enumeram-se alguns elementos que compõem esta cena. Percebe-se que, ainda que a viagem

seja motivada pela visita à casa do poeta, a vida cotidiana do Porto com seus trabalhadores e atividades comuns não deixam de sensibilizar aquele que observa.

A procura por um lugar específico traz novamente à tona o questionamento: “*São estes os sítios?*” O que demonstra que se observa o panorama da cidade, mas sem perder-se de vista o objetivo principal deste percurso, que se revela adiante: “Estamos pensando numa casa de Miragaia. Numa casa que encontraremos – embora sem seu único habitante imortal. E essa escolha que o destino exhibe vai alimentando o nosso pensamento com sua seiva de mistério” (MEIRELES, 1999, p. 180). Interessante notar que, como afirma Bachelard, “o espaço percebido pela imaginação não pode ser o espaço indiferente entregue à mensuração e à reflexão do geômetra. É um espaço vivido. E vivido não em sua positividade, mas com todas as parcialidades da imaginação. Em especial, quase sempre ele atrai” (BACHELARD, 1989, p. 19). Movida pela imaginação daquele lugar que se almeja encontrar, a cronista segue alimentando “o pensamento com sua seiva de mistério”, caracterizando o habitante como “imortal” e sugerindo que nem tudo necessariamente sucumbe à efemeridade e ao tempo. O exercício da arte, da poesia, concede uma nova dimensão à vida humana, pois o autor acaba sobrevivendo naquilo que realizou, assim como sua própria obra transforma-se em objeto perene. Transformando a poesia nesse “antídoto precioso contra a fugacidade da vida”, Tomás Antônio Gonzaga insere-se na categoria de personagens imortais, tornando-se para Cecília Meireles, assim como outros, “um poeta já fora do mundo, e ao mesmo tempo livre da morte”² (MEIRELES, 1999, p. 119), uma vez que o valor de sua arte e de sua criação se sobrepõe à transitoriedade da vida.

Na sequência, Cecília evoca outro verso de Gonzaga, presente na Lira VI: “*Oh, quanto pode em nós a vária estrela!*”, que vem unir-se à constatação de que “a estrela levou-o para inesperados lugares (MEIRELES, 1999, p. 180). Diante das mudanças e fatos que marcaram o destino daquele poeta-pastor, a cronista destaca que aquela casa “era um ponto central, nessa obscura formação”. Ao atribuir um papel tão relevante à casa do poeta, evoca-se novamente Bachelard quando esse afirma que “a casa é o nosso canto do mundo. Ela é, como se diz amiúde, o nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos. Um cosmos em toda a acepção do termo.” (BACHELARD, 1989, p. 25). Para a viajante, a casa configurava-se como o ponto de partida da existência daquele sujeito, mas representava também um ponto em que outras vidas e destinos inexplicavelmente se cruzariam, as origens de uma história

² Citação referente ao poeta Rilke na crônica “*Nem sempre...*”, vol.2, *Crônicas de Viagem*.

que se principiava a escrever ali, ou seja, um “verdadeiro cosmos”, conforme Bachelard. Assim, a autora continua refletindo sobre os meandros da existência humana, que como num jogo colocava as peças em movimento:

Que leis secretas movendo de tão longe tão diversos personagens; que razões particulares – comerciais? políticas? – que sentimentos, que interesses aproximam essas vidas, esses nomes, ligam criaturas que terão de desaparecer na sua humildade, ou serão evocadas apenas em função daquela existência que foi, de certo modo, a sua única razão verdadeira de ser? (MEIRELES, 1999, p. 180-181)

Cecília já destacava, no poema “Casa de Gonzaga”, que naquele lugar se sentia o “peso” das “águas do rio, dos gritos das crianças, / do tempo cansado/ do tempo passado, / de tantas heranças, / este peso de nomes, de datas, / de acertos e enganos, / de histórias antigas / este peso de pesos humanos;” (MEIRELES, 2001, p. 1364-1365). A mesma observação que perpassa o poema se faz sentir na crônica, em que se aponta que a vida de Gonzaga, entrelaçada aquela casa, era perpassada por heranças e nomes tão diferentes entre si, “pesos humanos” que convergiram para formar sua história da vida. Algumas dessas criaturas, como afirma a cronista, serão esquecidas, enquanto outras serão lembradas apenas pela importância que tiveram na existência do poeta. Estendendo a reflexão, Cecília indaga:

Que mulheres, que capitães, que doutores, que viagens, que estudos, que casamentos e batizados, que mortes, que mudanças, contratempos – em redor do Poeta cujo nome ficaria assinalando esta casa, entre todas as casas deste bairro, nesta cidade, neste país... Neste país, apenas? Oh, não – na Europa, na América e na África! (MEIRELES, 1999, p. 181)

A “estrela” de Gonzaga moveu-se por diferentes direções entre Portugal, Brasil e África, colocando em movimento diferentes pessoas e congregando variados acontecimentos. Salienta-se o quanto sua existência está marcada pela conjunção de outras vidas e eventualidades, uma sucessão de ações ao seu redor, mas, entre tantos nomes, o dele também resistiria ao tempo. A imagem do “triste pastor” ainda é tão viva para a cronista que ela não se refere a Gonzaga como se este fosse apenas uma memória evocada, pelo contrário, sua imagem permanece “*assinalando*” aquela casa. O uso do verbo no gerúndio denota uma continuidade, como se a figura do poeta se impusesse com vigor naquele espaço. Diante de tal imponência, resta à cronista consagrá-lo como aquele que teria o nome assinalado em três continentes: Europa, sua terra natal; América, lugar em que deu voz à sua poesia e ideais; e

África, destino de seu degredo. Coroando a celebração de Tomás Antônio Gonzaga, Cecília evoca os famosos primeiros versos de sua Lira I: “Eu, Marília, não sou algum vaqueiro/ Que viva de guardar alheio gado...” (MEIRELES, 1999, p. 181)

Após deixar Lisboa e partir rumo ao Porto, após percorrer a cidade e seus bairros, finalmente a cronista chega a seu destino: a casa de Gonzaga, e principia a descrevê-la. Ao observar a residência do poeta na cidade portuguesa, Cecília não se furta a refletir que a casa “não ficaria mal” em Ouro Preto, cidade habitada por Gonzaga no Brasil. Posteriormente, dialogando com o espaço numa digressão imaginária, como assinalado por Bachelard, Cecília avista ali a imagem do “poeta, ainda menino, com seus cabelos louros e seus olhos azuis.” Da varanda da casa, ela supõe que seria possível “ver as águas. Os rios que vão para o mar. O mar que leva a outros continentes. O Brasil, as minas, o amor...” (MEIRELES, 1999, p. 181). Dentre tantos fatos notáveis, a cronista recorre aos versos da Lira I de *Marília de Dirceu*, para salientar aquilo que seria a quintessência do destino de Dirceu: “Porém, gentil pastora, o teu agrado/ Vale mais que um rebanho e mais que um trono...” (MEIRELES, 1999, p. 181).

É interessante notar como o texto constrói-se unindo o emaranhando de fios que constituíram a história de Gonzaga, tendo como elemento central, e conector dessa reflexão, a casa no Porto. Segundo Michel Collot, em *Poética e filosofia da paisagem*, a maneira como o sujeito interage com o espaço pode interferir também na forma como esse sujeito experiencia o tempo e, assim, diante de determinada paisagem, “o olho do espírito vê bem além do presente – pode tornar-se uma ‘alegoria da profundidade do tempo’”. (COLLOT, 2013, p. 108). Colocando em movimento o que Collot define como “o olho do espírito”, a observação da casa de Gonzaga, para a cronista, evoca não apenas um recorte temporal específico de quando o poeta ali habitara, mas evoca outros tantos momentos importantes que ajudariam a selar o destino daquele homem:

Quando voltaria a subir àquelas varandas? Pernambuco? Bahia? Onde passou a flor de sua idade? Órfão pequenino, um pai sem vocação para viúvo, uma irmã muito mais velha desejando ser freira... Coimbra. Os estudos. O marquês de Pombal. Os Távoras... Dona Maria I, a sensível, a dolente... Os amigos, companheiros de estudo, meio parentes. Esse inquieto Alvarenga, esse Cláudio, um pouco formal. Alceus, Glaucetes, Elpinos... A Itália de Metastasio. Os livros do duque de Lafões que Portugal não deixava entrar. Essas ideias de liberdade... (MEIRELES, 1999, p. 181)

Recuperam-se, assim, pontos relevantes da trajetória do autor, principalmente no que concerne à formação de sua personalidade literária. Constatam-se algumas passagens de sua infância, os estudos em Coimbra, referência ao Marquês de Pombal, a quem Gonzaga dedica seu *Tratado de Direito Natural*. Resgatando passagens da vida do poeta, a cronista destaca a amizade com os incondidentes, além da influência dos preceitos da poesia árcade, verificável na referência aos pseudônimos, inclusive o de “Elpino” (Antônio Dinis da Cruz e Silva), fundador da Arcádia Lusitana, e a menção ao nome de Metastasio, expoente italiano do Arcadismo. Na figura do duque de Lafões, criador da Academia de Ciências de Lisboa e impulsionador da aplicação de novos conhecimentos científicos e técnicos, observa-se a alusão aos ideais libertários e revolucionários que permeariam o movimento da Inconfidência Mineira, do qual Gonzaga seria acusado de participar.

Cecília não se limita à simples contemplação e descrição da casa em que outrora vivera o poeta, mas necessita “constituir uma ‘experiência’ com o passado” (BENJAMIN, 1994, p. 8), evidenciada nas relações que procura estabelecer entre as dimensões pessoais, políticas e literárias da vida de Gonzaga. Dessa forma, como afirma Alfredo Bosi, Cecília é a viajante que sempre “contempla o presente com os olhos de quem entrevê o passado remoto que se esvaiu há séculos, e necessita, para reviver, do sentimento inquieto de um *eu* aqui e agora” (BOSI, 2007, p. 26). A autora, então, assume-se como esse “eu”, que no momento presente, diante da morada de um personagem que admira, tenciona salvaguardar as memórias de uma trajetória assinalável. Para isso, Cecília recupera a história de Gonzaga em seus instantes de formação (infância, estudos) e amadurecimento (poesia árcade, Inconfidência).

Examinando aquele lugar, Cecília afirma, de repente, que “a casa é alta, branca e azul”, o que se configura como a primeira (e talvez única) descrição mais referencial daquele espaço contemplado. Assim, embora a viagem até o Porto tenha como principal motivação a visita a um lugar específico, esse mesmo lugar não será destacado em suas características visíveis, concretas. Isso justifica-se porque, como afirma Collot,

Enquanto horizonte, a paisagem dá tanto a adivinhar quanto a perceber: não é um dado objetivo imutável que bastaria reproduzir, é um fenômeno que muda segundo o ponto de vista adotado, e que cada um reinterpreta em função não somente do que se vê, mas do que se sente e do que se imagina. É essa invisibilidade inscrita no visível “seu estofado e sua profundidade” que a arte e a literatura têm como tarefa explorar. Não se trata de reproduzir ou

descrever a paisagem, mas de produzi-la e reescrevê-la. (COLLOT, 2013 p.115-6)

Assim, mesmo que a casa continue ali, “alta, branca e azul” e que por ela continuem “a passar o sol e a lua e todas as estrelas”, como afirma a autora no mesmo trecho, o olhar da observadora logo afasta-se dessa percepção descritiva para ir mais além, produzindo e reescrevendo, conforme Collot, a partir dessa observação. E dessa forma, aquele vislumbrar da residência, em sua imutabilidade, faz com que a autora, inversamente, evoque passagens das líras de *Marília de Dirceu* para demonstrar a instabilidade que rege os destinos:

Depois que nos ferir a mão da morte,
 Ou seja neste monte, ou noutra serra,
 Nossos corpos terão, terão a sorte
 De consumir os dous a mesma terra.
 Na campa, rodeada de ciprestes,
 Lerão estas palavras os pastores:
 - Quem quiser ser feliz nos seus amores,
 Siga os exemplos que nos deram estes...
 Graças, Marília bela,
 Graças à minha estrela.
 (MEIRELES, 1999, p. 182)

Nesse momento, a cronista, então, conclui que “nunca o poeta se enganou tanto” (MEIRELES, 1999, p. 182). O desejo expresso nos versos não foi concretizado na realidade. Como afirma Cecília, o poeta se enganou, pois a separação foi mais sólida que o anseio de união. O destino final dos dois não foi aquele almejado, já que “Tomás Antônio Gonzaga, / longe no exílio, casou” (MEIRELES, 2001, p. 931), enquanto Marília “voava seu corpo longe, / longe, por alheio prado. / Procurava o amor perdido, / a antiga fala do amado” (MEIRELES, 1999, p. 932). A vida seguiu sem que Dirceu e Marília pudessem servir de exemplo aos que quisessem ser felizes no amor e, mais uma vez, o poeta foi traído por sua “estrela”. Pensando nos misteriosos desígnios da sorte humana, a cronista questiona-se:

Que estrela é essa que o faz padecer entre as escuras vertentes de Vila Rica?
 De que confusos céus baixam essas ordens de prisão, esses sequestros,
 esses ferros, essas inquirições? Que inimigo o aponta, com tanto poder que
 não há como fugir à condenação? Não há como evitar essa viagem para
 longe, para o exílio, onde é preciso recomeçar, sobreviver, esquecer os dias
 dourados de imaginário amor? (MEIRELES, 1999, p. 182)

Destacam-se aqui os fatos que convergiram para a acusação de Gonzaga, sua condenação e o exílio em Moçambique. Sua existência seria marcada por infortúnios, e

dentre todos eles, Cecília aponta no *Romanceiro*, atribuindo voz ao próprio poeta, aquele que julgava o mais penoso: “Inocente, culpado? / Enganoso? Sincero? / Por muito que o confesse, o amor não recupero” (MEIRELES, 2001, p. 886). Apesar de todas as incertezas que pairam sobre o real envolvimento de Gonzaga com a Inconfidência Mineira, liricamente, os versos cecilianos reforçam a ideia de que não havia possibilidade de sanar o maior dos prejuízos. Longe de seu país, condenado ao exílio, não houve alternativa ao poeta a não ser esquecer os “dias dourados de imaginário amor.” Salientando a inconstância da vida, Cecília evoca outros versos: “A sorte deste mundo é mal segura; / Se vem depois dos males a ventura, / Vem depois dos prazeres a desgraça” (MEIRELES, 1982, p. 182).

Os versos da Lira XIV citados na crônica traduzem uma temática visível também em muitos momentos da obra ceciliana: a ponderação sobre a volubilidade, a inconstância que cerca a vida humana. Nota-se assim, que a contemplação daquele espaço desencadeia reflexão muito mais ampla, gerando, como afirmaria Merleau-Ponty, um entretecer de “relações singulares entre as partes da paisagem ou dela a mim como sujeito encarnado, e pelas quais um objeto percebido pode concentrar em si mesmo toda uma cena ou tornar-se imago de todo um segmento de vida” (MERLEAU-PONTY *apud* COLLOT, 2013, p. 26-7). Apesar de evidenciar a inconstância que regeu a vida de Gonzaga, os contínuos movimentos aos quais esteve sujeito, Cecília não privilegia apenas um olhar sobre a efemeridade e a caducidade das coisas, pois apreende o mundo “por meio da sua inexorável mutação”, tentando “eternizá-lo naquilo que ele possui de precíval” (DAL FARRA, 2006, p. 343). Ainda que a vida do poeta seja pautada pela mudança, há uma dimensão eterna em sua existência: o valor de sua arte, a imortalidade de seus versos, sua figura que permanece inscrita na história. Tudo isso simbolizado na casa que ali permanece e também resistiu ao tempo.

Diante dos rumos desditosos que a vida de Gonzaga tomou, a cronista indaga: “E tudo isso para quê? Para que a prisão, o degredo ou a morte, na luta contra as ideias? Se há um dia em que um príncipe virá realizar o sonho dos Inconfidentes, à luz da conjunção de outras estrelas...?!” (MEIRELES, 1999, p. 182). Tentando entender a ordenação dos fatos, Cecília questiona-se: por que Tomás Antônio Gonzaga e tantos outros foram condenados, sofrendo com o degredo e o isolamento, alguns padecendo de mortes lastimosas, se logo depois um príncipe (D. Pedro I), numa outra avalanche de acontecimentos viria realizar o sonho de liberdade dos Inconfidentes? A autora aponta, assim, que, mesmo tardiamente, a história e o tempo consolidaram os ideais promulgados pelos inconfidentes, afinal foram

“obscurecidas para sempre as glórias efêmeras, e, por toda a eternidade, exaltados e glorificados os que padeceram martírio e opressão” (MEIRELES, 2008, p. 16). Essa exaltação dos inconfidentes deixa entrever que a cronista mantinha certa idealização da História. Reforça-se a tese de que os destinados ao futuro heroico acabariam, após misteriosos desígnios e surpreendentes conjunções entre as estrelas, alcançando a glória que mereciam.

Assim, poeticamente, a cronista considera que, para além dos infortúnios, ou do gozo da glória, ainda que tardia, o destino se incumbiria de fazer com que “a criança nascida nesta casa [cruzasse] o oceano naquelas morosas viagens do século XVIII, porque era do seu destino celebrar uma mulher que não partilharia da sua sorte, embora em seus versos ficasse viva para sempre” (MEIRELES, 1999, p. 182-83). Apenas a ida do poeta até o Brasil permitiria que conhecesse “Marília”, e, ainda que não permanecessem juntos, ela seria celebrada em seus versos, nos quais seria imortalizada. Essa dimensão eterna, alcançável através da arte, comove-nos, segundo Cecília, pois caracteriza a “eterna solidariedade que os vivos sentem por aqueles cuja presença na terra excedeu o tempo que lhes foi dado viver, porque trouxeram para os outros homens alguma coisa transcendente, em que todos se sentiram refletidos e realizados”³ (MEIRELES, 1999, p. 114).

Já se encaminhando para a conclusão da crônica, a autora começa a avaliar sua posição ali. Numa espécie de diálogo com Gonzaga, ela percebe as associações entre o seu destino e o dele, deixando evidente sua aproximação afetiva e até histórica com a vida do poeta a quem tanto admirou:

E eis-me aqui, mais de duzentos anos depois do nascimento dessa criança, a contemplar a sua casa como se fosse a de um parente querido. Quem diria, Gonzaga, que nascias aqui, mas era ao Brasil que pertencerias? Quem diria que, com o berço em Miragaia e o túmulo em Moçambique, a terra onde terias de sofrer seria o meu país, e a tua prisão seria a minha cidade? (MEIRELES, 1999, p. 183)

Sensibilizada pelo destino lastimoso do poeta no seu país e na sua cidade, Cecília recorre aos versos da Lira XXI de *Marília de Dirceu*, em que se lê: “Mas ainda vale mais que os doces versos/ A voz do triste pranto” (MEIRELES, 1999, p. 183). E numa espécie de tributo ao sofrimento do poeta, afirma: “E porque foi lá que choraste, aqui estou. E porque disseste para sempre estas palavras que cada poeta – ao menos os poetas! – devia ter gravadas

³ Crônica “À sombra da pirâmide de Cestius”, vol.2, *Crônicas de viagem*

no fundo dos olhos: “... Infame, indigno, / Obras como costuma o vil humano: / Faço o que faz um coração divino” (MEIRELES, 1999, p. 183). Diante da aproximação simbólica que une Cecília e Gonzaga (o fato de que ele “chorou” sentenciado no Brasil, preso no Rio), percebe-se que a autora se sente intimamente convocada a homenageá-lo visitando sua antiga casa. Seria uma espécie de deferência à imagem de Gonzaga, reforçada ainda mais porque o ofício de poeta também os unia, afinal faziam o que “faz um coração divino”.

Por essas palavras, afirma Cecília: “vale a pena esquecer a inconstância da estrela, e pensar em ti Gonzaga, diante da tua casa, que também sobrevive, alta e branca.” (MEIRELES, 1999, p. 183). Por fim, a autora assevera que a atividade poética, exercida pelo poeta árcade como uma incumbência sagrada, se sobrepôs aos infortúnios de sua vida. Por isso, pode-se esquecer, por um momento, a volubilidade do destino, para apenas admirar a existência de tal personagem e a imortalidade alcançada por seus versos. Dessa forma, a perenidade da arte mostra-se mais forte do que as inconstâncias que nos acometem. Pensando nisso, Cecília destaca que a casa do poeta *também* sobreviveu ao tempo, permanecendo ali como um dos resquícios de sua história, e uma vez que na paisagem “não se vê apenas o que se apresenta à vista, em algum momento e de um certo ponto de vista, mas um ‘mundo visual’ que continua mais além, até o horizonte.” (COLLOT, 2013, p.21), de alguma forma foi possível recuperar a partir dali a própria figura de Gonzaga que ecoava naquele espaço.

Considerações finais

Percebe-se, dessa forma, que conhecer a casa em que nasceu o poeta árcade era uma oportunidade de homenagear o poeta e simultaneamente refletir sobre sua trajetória marcada pelas reviravoltas do destino. Poeticamente, Cecília vai construindo o texto sem fazer distinção entre o homem Gonzaga e o pastor “Dirceu”, entre Maria Doroteia e “Marília”, relacionando fatos reais e versos de suas liras, instaurando uma imagem mais lírica desse personagem. Assim, a crônica tem como base dois pilares principais: a dimensão frágil da existência sempre ameaçada por mudanças e dissoluções (o contingente efêmero da vida de Gonzaga), e a dimensão eterna, categoria dos que realizaram algo de valor universal (a sua arte poética), pontos que se conectam naquele espaço visitado.

Contrapondo essas duas instâncias, Cecília denota ao final da crônica que a efemeridade, a dissolução que corrói o homem a cada dia não foi mais forte do que a

realização perene alcançada por Gonzaga através de sua literatura. O poeta conseguiu sobrepujar a inconstância da sorte e, mais além, venceu a própria ação do tempo e da morte. Apesar dos movimentos incertos da “estrela” de Gonzaga, o patrimônio legado por ele reflete, como sua casa, a rigidez de uma edificação sólida, que até hoje, após quase sessenta anos da visita de Cecília Meireles, ainda permanece intacta. Assim, ainda que a cronista se comova com as incertezas da “estrela”, é a “casa” que a conquista como reflexo de um ofício que possui algo de humano e de divino.

Referências

- AZEVEDO; Filho, Leodegário A. “Sobre a obra em prosa de Cecília Meireles – ensaios e conferências”. In: GOUVEIA, Leila V. B. (org) **Ensaio sobre Cecília Meireles**. São Paulo: Humanitas; Fapesp, 2007.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo, Brasiliense, 1994.
- BOSI, Alfredo. “Em torno da poesia de Cecília Meireles”. In: GOUVÊA, Leila V.B. (org.) **Ensaio sobre Cecília Meireles**. São Paulo: Humanitas; Fapesp, 2007.
- COLLOT, Michel. **Poética e filosofia da paisagem**. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2013.
- DAL FARRA, Maria Lúcia. “Cecília Meireles: imagens femininas.” In: **Cadernos Pagu** (n.27), julho-dezembro de 2006: pp.333-371. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n27/32147.pdf>. Acesso em: janeiro de 2020.
- GOUVÊA, Leila V. B. **Cecília em Portugal**. São Paulo: Iluminuras, 2001.
- GOUVEIA, Margarida Maia. “As viagens de Cecília Meireles”. In: GOUVEIA, Leila V.B. (org) **Ensaio sobre Cecília Meireles**. São Paulo: Humanitas; Fapesp, 2007.
- GONZAGA, Tomás Antônio. **Marília de Dirceu**. Porto Alegre: LP&M, 2007.
- MEIRELES, Cecília. **Crônicas de viagem**. (v.2) Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- _____. **Poesia completa** (2 vol.) Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- _____. **Romanceiro da Inconfidência**. Porto Alegre: L&PM, 2008.
- MORAES, Marcos Antonio. “Cecília viajante”. In: MEIRELES, Cecília. **Três Marias de Cecília**. Marco Antonio Moraes (org.) São Paulo: Moderna, 2006.

Artigo recebido em: 13. 09. 2020

Artigo aceito para publicar em: 14. 10. 2020